

Mercado de trabalho continua surpreendendo e coloca pressão sobre BC, dizem economistas

Por **Marcelo Osakabe**, Valor — São Paulo

30/04/2024 13h25 - Atualizado há 23 horas



Lucas Assis, da Tendências: Comportamento da renda tem sido impulsionado pela formalização — Foto: Claudio Belli/Valor

A nova bateria de números mais fortes que o esperado do mercado de trabalho em março reforça o cenário positivo para o consumo e a atividade este ano, mas também são um alerta para os desafios do Banco Central em trazer a inflação para o centro da meta de 3,0%, avaliam economistas.

Divulgada esta manhã, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) Contínua mostrou que a taxa de desemprego teve ligeira alta no primeiro trimestre, a 7,9%. O número, no entanto, abaixo da mediana das projeções colhidas pelo **Valor Data**, de 8,2%.

Já o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) trouxe uma geração líquida de 244,3 mil vagas com carteira assinada em março, resultado que superou o teto das projeções do Valor Data, de 224,4 mil.

"A criação líquida de vagas com carteira veio forte novamente. Apesar dos efeitos defasados da política monetária, o mercado formal continua a mostrar resiliência nos setores cíclicos", diz o **Santander** em comentário distribuído a clientes.

No cálculo do banco, a média móvel de três meses ajustada pela sazonalidade passou de 188 mil em fevereiro para 228 mil postos criados em março. Esse resultado se afasta ainda mais do que o Santander considera um ritmo de criação de vagas formais neutro do ponto de vista da inflação, de 90 mil.

Outro destaque dos dados de hoje foi o avanço da renda. Segundo o IBGE, a renda real média subiu 1,5% no primeiro trimestre, compensando a queda da população ocupada e contribuindo para fazer a massa salarial habitual subiu 0,7% na comparação com o quarto trimestre, para R\$ 308,3 bilhões, renovando o recorde da série histórica.

Segundo Lucas Assis, economista da Tendências, o comportamento da renda tem sido impulsionado pela formalização. A taxa de informalidade da economia recuou 0,2 ponto percentual (p.p.) saindo de 39,1% no último trimestre do ano passado para 38,9% no primeiro deste.

"A maior formalização resulta em salários e massa de rendimentos mais elevados por um efeito composição", explica Assis. Em sua visão, a perspectiva em relação ao restante do ano é de manutenção de um avanço moderado do rendimento médio, tanto pelo cenário de inflação moderada como também pelo reajuste real do mínimo. "Assim, nossa projeção é que a massa de salários deve subir 5,4% este ano, comparado à alta de 6,9% em 2023, considerando média dos trimestres", diz.

Para Yihao Lin, economista da Genial Investimentos, os dados reforçam a perspectiva de que o consumo será o carro chefe de uma atividade econômica este ano - a corretora projeta alta de 2,2% do PIB em 2024.

"Se, por um lado, isso reforça a percepção de crescimento robusto em 2024, por outro lado, dificulta o trabalho do BC no cumprimento da meta de inflação. O ritmo de expansão dos rendimentos e da massa não batem com cumprimento da meta, o que tende a reforçar visão mais conservadora sobre a postura do BC", diz.

A Genial revisou ligeiramente sua projeção de desemprego médio no ano de 8,1% para 8,0%. Já a projeção para o PIB do primeiro trimestre está em 0,7%, mas com viés de alta, diz Lin, uma vez que alguns modelos já indicam avanço de 1,0% no período.

"Esse aumento mostra que os salários estão crescendo bem acima dos ganhos de produtividade, devendo se refletir em preços mais altos ao consumidor. O mercado de trabalho aquecido deve continuar pressionando a inflação de serviços e dificultando a convergência da inflação para a meta", diz a economista do C6 Bank, Claudia Moreno, em comentário distribuído. "Com isso, acreditamos que aumentou a chance de o BC ficar mais cauteloso e reduzir a magnitude do próximo corte de juros."